

José Carlos Avellar - A Suprema Arte sob o Olhar de um dos seus Grandes Críticos

PÁGINA 2 □ JORNAL DO BRASIL □ RIO DE JANEIRO □ TERÇA-FEIRA, 16 DE JULHO DE 1968 □ CADERNÔ

A imagem de Bresson

CINEMA JOSÉ CARLOS AVELLAR — INTERVÊO

"PICKPOCKET", BRESSON E UM

"TRAILER" DE "MOUCHETTE" (I)

Em 1959 as bases para o nascimento do novo cinema que hoje existe em todo o mundo, mesmo nos países onde a indústria cinematográfica praticamente não existe, já estavam lançadas no quinto filme que um diretor francês condenado à prisão por seus métodos pessoais de trabalho conseguia realizar em três meses: uma de cinema. Todas as conquistas do cinema moderno já estão em *Pickpocket*, que Robert Bresson dirigiu em 1959, três anos depois de *Um Condenado à Morte* (curta) e *Um de uns* (documentário).

Também Michel toma uma decisão que poderia levá-lo à cadeia, mas que, como a do personagem de Sempurn, era a decisão que se impunha para que se realizasse, se sentisse um homem livre.

Esta visão não dramática das coisas Bresson faz com a escolha de intérpretes que não fossem atores. O que acontece nos filmes de Bresson não é o trabalho de atores não profissionais, que apresenta resultados pouco diferentes daqueles obtidos por atores profissionais. A premissa de Bresson não é simplesmente tirar-se dos canchacos da interpretação que de-

ARTES PLÁSTICAS | WALMIR AYALA

O BRASIL NA BIENAL DE VENEZA

A pesar da caótica e insegura situação física da Bienal de Veneza, as cores que nos "representam" as faixas de cor. E não podia deixar de ser, tendo-se em conta a seleção que se revelou sobre as "cores" a que o novo mundo das artes se inclina, nem simplificar com títulos as "cores" de obra a que estas tendências conduzem, apesar disso, consente reunir uma vitrina em que ambiente sensorial, erotismo, pesquisas de espaço, exercício gráfico, relacionamento sensual com o espectador, e tantas outras agências do novo tempo estão vivamente justificadas. Em o Jovaro e Jaime Maciel, que selaram com acerto. Gostariamos de saber a explicação que nos podem dar os artistas de vanguarda, geralmente autodenominados de progressistas, quando os estudantes franceses impedem uma inauguração de sua Bienal, chamando-a de burguesa. Os os estudantes estão mal informados e estão não têm autoridade crítica para protestar, ou o protesto é justo e então os artistas abandonam as armas e teorias à procura de uma comunicação mais justa e humanizada. Não aprofundaremos isso, fins a indignação neste ano em que a situação de caráter não artístico faz tremer nas bases esta premissa que, com todos os seus defeitos, representa uma maneira de que de mais avançada, adições e melhorias de modo de mundo, no sentido da criação e do trabalho. O trabalho de artistas, uma premissa de trabalho, uma existência e defesa dignificam, ainda, um conceito de liberdade de expressão por que tanto nos interessa.

Em nossas mãos e pelo caminho de um trabalho, uma publicação, para ser guardada, um modo de bem físico. De apresentação de Jaime Maciel, transmitimos um ponto importante como dado seletivo: "Não existem, para eles, imitações ou imitações juvenis, mas uma admiração juvenil em reformular, por alguns, e em propor, para outros, problemas antigos e novos. São plenamente conscientes e consequentes." Certo.

Inquietante mostra seleção a ausência da pintura. Inquietante e coerente quando o selecionador supõe o futuro gráfico das artes plásticas, e logo a imagem nesse horizonte: o de um mundo em que a pintura talvez não tenha mais sentido. Res-

Clark nos desinteresse como obra de arte, não pode deixar de ficar enrugado diante da sua pesquisa, sincera, fêrrica seleção de centenas de telas, com que avança através de uma faceta literária crítica. Nada mais justo, em nome da fidelidade criadora, dentro da nossa crise, do a batida de Lúcia Clark.

A falta de convivência com Mary Vieira e trabalhos nos níveis de justiça. Mary Vieira, cil, tendo-se em conta seu nascimento naquele cor anti dissuasivo do concretismo, o que revela o processo de criação do novo moderno autorizando novo hauriente, revelando novas mas os elementos do vício. Tomamos a pa mesma de Mary Vieira sublinhando seus pontos: "Os polímeros traduzem o conceito de espaço numa experiência transpiação do espaço gravura de Ana Letícia, lá conhecida entre reformula elementos da arquitetura barroca, ra-se discretamente, amarra-se numa severa disciplina. De todos os artistas que nos regem em Veneza, é o único que, confessando não se preocupa com o elemento, hoje maldestro. Sua forma, que não é bela, a mag sua carência, volutas que transpõem calças dan, sobretudo o domínio da cor em gravura, a Ana Letícia realizou como ninguém entre nós.

Mira Schendel é outra artista que compoem, mas seus objetos gráficos nos transpõem ainda para as premissas do concretismo, fudo de no caligrama as categorias alienadoras de linguagem poética que, quanto mais se distanciam, pare, si, menos dizem. As gravuras de Mira Schendel alfabéticas de novo, sem as limitações de linguagem, mas com a liberdade de um refinado de sensibilidade que, a partir da letra, chega leitura da matéria plástica.

Fagner de Andrade selecionando ovalações, séculos, círculos, lápis e máquinas, revela uma sofia, mimesis, numa poesia, privativa, desenhista, já não digo em novo País, o que é mas certamente no panorama da Bienal de Veneza. A minúscula, a obstinação técnica, o recado de vez menor onde inventar labirintos e microscópicos, que os artistas aprofundam de suas experiências de vida, não, não os mudam, não os mudam.

hoje vivem de manchetes e delas quase que exclusivamente. Em uma hora no máximo, somos capazes de dar conta de uma edição cuja leitura antigamente podia se estender por toda uma tarde, quiçá por todo um dia, como costumava acontecer aos domingos. Estas mudanças começaram a acontecer no final da década de 1980. O jornal em preto e branco foi aos poucos incorporando cores. As suas edições, as fotos ganharam proeminência, o tamanho do tipo de letra impressa foi aumentado, e os extensos textos passaram a ser substituídos por matéria jornalística curta e resumida em função do pouco espaço dedicado a cada repórter/jornalista/crítico. Era o começo da proliferação de colunas sociais e políticas feitas quase que exclusivamente com fotos e notas.

Todas as seções sofreram indiscriminadamente com estas mudanças. Mas a morte de José Carlos Avellar nos faz lembrar como as críticas cinematográficas já foram um dia feitas com digressões caudalosas. Avellar preparava resenhas de filmes para as edições de dias ingratos e menos nobres como as segundas e terças-feiras, mas tinha todo o espaço do mundo para escrever o que quisesse. Suas extensas críticas no *Caderno B* do *Jornal do Brasil* eram a garantia de que teríamos com o que nos entreter em dias em que as seções de cultura eram mais comedidas em comparação com as volumosas edições do fim-de-semana. Não fazia ideia de que antes de

começar a lê-lo, o crítico, ensaísta e professor carioca chegou a escrever, à época em que deu início a sua carreira assinando resenhas como crítico interino do *JB*, textos publicados em duas partes. Algo impensável nos cadernos culturais dos dias de hoje.

Por entender de técnicas cinematográficas, uma vez que era também um realizador, associava seu conhecimento prático à sua forma teórica e conseguia com isto dar tratamento crítico único às resenhas. José Carlos Avellar sabia explorar como poucos a dimensão mais profunda da experiência fílmica. Certamente impressionado com as características onírica dos filmes de um Buñuel, de um Fellini, de um Bergman, ou o oposto, estimulado pelo neo-realismo italiano de um Vittorio De Sica, de um Rossellini, de um Visconti, procurava retratar por contraste, em suas críticas, o que podemos experimentar quando nos reclinamos nestes espaços entre o sonho e a realidade que são as salas escuras dos cinemas. Isto numa época em que as salas de projeção preservavam seu clima de culto, resguardadas das luzes inoportunas e intrometidas dos celulares.

Além da carreira de crítico, ele tratou de cuidar da memória do cinema, trabalhando na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e apostou em novos e conhecidos realizadores comandando primeiro a Embrafilme e, posteriormente, a Riofilme. Mais recentemente atuava como programador da sala de cinema do Instituto Moreira Salles, onde também reunia e mediava conversas com cineastas, jornalistas e críticos. Seguiu também publicando resenhas no blogue escrevercinema na Internet ([clique aqui](#)).



Category

1. JosÃ© Carlos AVellar

Date Created

2016/03/24

Author

kikopedrosa

default watermark